

# O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E O FRACASSO ESCOLAR NA PERSPECTIVA DE CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE POBREZA: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO EM ESCOLA PÚBLICA DE PARNAÍBA-PI

Eugenia Nogueira Barros;  
Niuza Alves da Costa Ribeiro  
Luciana Matias Cavalcante

(SEDUC/ PARNAÍBA -PI -[eugeniaphb@hotmail.com](mailto:eugeniaphb@hotmail.com) ;  
UFPI – Campus Ministro Reis Velloso – [nilzaalves24@gmail.com](mailto:nilzaalves24@gmail.com)  
UFPI – Campus Ministro Reis Velloso – [luciana@ufpi.edu.br](mailto:luciana@ufpi.edu.br)

Este estudo tem como finalidade apresentar os avanços teórico-metodológicos na área da alfabetização que visam minimizar o fenômeno do fracasso escolar, bem como compreender e refletir as causas desse fenômeno e quais caminhos poder-se-á seguir para sanar tal problema em uma das escolas públicas de Parnaíba/PI. Assim como a alfabetização e o letramento são processos que caminham juntos, inicia-se nossa discussão teórica, traçando uma contextualização sobre as leis que regem a educação, e os processos de apropriação da leitura e escrita. Utilizou-se como metodologia de pesquisa o estudo exploratório, abordagem qualitativa, pois esse método possibilita captar um olhar mais subjetivo daqueles que fazem parte do estudo. Na prática, observa-se, aplica-se questionários, realiza-se entrevistas e aplica-se testes com alunos e professores das séries iniciais do Ensino Fundamental. O referencial teórico baseia-se nas teorias de Soares, Ferreiro e Teberosky e André. Soares, entre outros, possibilitou um conhecimento teórico que serviu como alicerce para a fundamentação de conceitos que envolvem o alfabetizar letrando e as teorias explicativas que existem sobre o fracasso escolar. Este estudo contribuirá para um repensar do educador atuante nas classes de alfabetização, onde o mesmo refletirá sobre sua prática pedagógica, podendo reconstruí-la. Os resultados da pesquisa apontam que a sociedade deve se conscientizar de que a educação é parte fundamental para uma mudança efetiva e para tanto deve investir pesado no setor educacional e na valorização dos profissionais da educação.

**Palavras-chave:** Alfabetização, Fracasso escolar, escola pública.

Atualmente o Brasil enfrenta o grande desafio de tornar a alfabetização nas séries iniciais uma etapa eficiente, visto que esta é uma das principais etapas para o desenvolvimento das habilidades e competências que possibilitará ao aluno alcançar o sucesso ou o fracasso escolar. Quando entramos em uma escola pública e voltamos nossa atenção para alunos que frequentam as últimas séries do Ensino Fundamental, percebermos que algo de errado está acontecendo, pois é alta a percentagem de educandos que não possuem as habilidades da leitura e da escrita, ou se possuem são reconhecidos como analfabetos funcionais, pois não compreendem o que leem.

O interesse por este tema se deu a partir das observações em instituições de ensino que realizamos estágios supervisionados, onde foi visível o alto índice de estudantes que reprovam ou passam de ano sem se quer ter desenvolvido o mínimo necessário para compreender pequenos enunciados, que possam permear seu próprio cotidiano, tornam-se

parte de um ciclo vicioso, onde passam ano após ano frequentando escolas, que por diversos fatores terminam não exercendo seu principal papel, que é promover a educação e formar um cidadão autônomo e atuante na sociedade.

O fenômeno do fracasso escolar é uma realidade vivenciada pelas escolas públicas do Brasil. Logo, são vários os motivos que autores e pesquisadores elencam como possíveis causas para tal fenômeno, dentre eles: a ausência da família na escola; a falta de interesse dos alunos; as questões socioeconômicas; a realidade vivenciada na Educação Infantil; entre outras. E a importância deste trabalho se reflete na educação que as escolas públicas oferecem a sua clientela, pois diante de tais experiências e observações obtidas durante o percurso como docente da rede pública em uma escola da periferia de Parnaíba, percebe-se alunos que chegam ao fim do Ensino Fundamental sem ao menos compreenderem o sentido da utilização da leitura no cotidiano e/ou até sem conseguir decodificar palavras.

Deste modo o objetivo deste trabalho é levantar questionamentos e reflexões a cerca do fracasso escolar na escola investigada, assim como suas causas e fatores que contribuem para a existência desse problema que assola a educação brasileira ao longo de vários anos, agravando se gradualmente, o que é claramente visível diante do cenário da realidade educacional em nosso país.

É necessário mudar o foco das discussões e voltar um olhar reflexivo e inovador diante dos paradigmas tradicionalmente impostos a quem deposita na educação a esperança de uma vida digna, e que acredita ser a escola o único meio de transformação de sua realidade. É notório a importância dos que dedicam-se a tarefa de educar, e talvez, só através da valorização deste profissional, como também a melhoria na formação destes, seja possível haver um efetivo salto na qualidade do ensino nas escolas brasileiras.

## **O FRACASSO ESCOLAR COMO CATEGORIA DE ESTUDO: ENCONTROS E DESENCONTROS ENTRE AS TEORIAS EXPLICATIVAS**

O fracasso escolar nas aprendizagens iniciais é fato constatável por qualquer observador. O que, porém, também prova a persistência das causas que o provocam, embora haja as boas intenções de educadores e funcionários, o problema persiste. Caberia perguntar-nos, então se as causas do fracasso escolar não ultrapassam os muros da escola para se converterem num problema do sistema educacional como tal. (FERREIRO e TEBEROSKY, 2007).

Dentre as várias causas que propiciam o fracasso escolar, a linguagem aparece como uma das principais facilitadoras/colaboradoras para o avanço da disparidade entre as camadas que formam a sociedade. Sendo esta, o principal produto da cultura, a linguagem é o meio pelo qual se transmite o capital cultural de uma determinada sociedade e com isso fica evidente no âmbito escolar, a marginalização das diferentes variações linguísticas, pois a

escola utiliza e impõe como “certa” a variante padrão utilizada pela classe dominante, mostrando assim que a escola não exerce uma função neutra diante dos problemas vivenciados pela comunidade da qual faz parte, nem tão pouco serve como alavanca capaz de sozinha elevar o nível social das camadas populares, já que está inserida dentro da sociedade, e muitas vezes ou quase sempre, reproduz o “*status quo*.” (CORTELLA, 2006).

Em vista disso, torna-se necessário refletir acerca do real papel da escola, pois em tese, deve possibilitar a formação de um indivíduo crítico e atuante em seu meio social, fazendo uso de seus direitos como cidadão e cumprindo seus deveres, para assim lutar por um contexto social igualitário e fortalecer seu desenvolvimento pessoal e intelectual através da educação.

A Educação exerce um papel de enorme relevância na vida do homem, pois é através dela que ele constrói sua própria existência e isso o diferencia dos demais animais, é portanto, um fenômeno próprio dos seres humanos. Ela situa-se na categoria do trabalho não material, ou seja, na produção da cultura e do saber humano, dessa forma não é estática, pois está em frequente transformação, uma vez que acompanha e reflete as mudanças sociais.

Nesse contexto, a escola pública surge como instituição responsável pelo ensino das classes populares, tendo como principal papel a democratização do conhecimento, a garantia do desenvolvimento integral do sujeito cidadão com direito a um ensino de qualidade integrando conhecimento e realidade. Contudo, de acordo com Soares “A escola pública não é, como erroneamente se pretende que seja uma doação do estado ao povo, ao contrário, ela é uma progressiva e lenta conquista das camadas populares, em sua luta pela democratização da escola”. Uma vez que, a escola que existe é antes contra o povo que para o povo, pois o acesso à escola está democratizado, mas, mesmo assim, não temos uma verdadeira escola democrática. (1992, p.09).

O fracasso escolar é o insucesso da aprendizagem e dos objetivos de ensino. Refere-se ao não desenvolvimento de habilidades e competências para atender as necessidades sociais e culturais que os indivíduos carecem. Para Arroyo (2001, p.13):

A cultura do fracasso leva à cultura da exclusão, já que reprovar e excluir faz parte da prática de ensinar/aprender/avaliar. “A cultura da exclusão está materializada na organização e na estrutura do sistema escolar. Ele está estruturado para excluir. (...) essa cultura se materializou ao longo de décadas na própria organização da escola e do processo de ensino.”

Soares faz uma abordagem acerca do fracasso escolar, onde explora três explicações que geralmente são usadas para justificar tal fenômeno. A autora traz questionamentos que se tornam o ponto de partida para as discussões sobre os principais fatores que contribuem para existência do fracasso escolar. “Uma escola para o povo ou contra o povo?” “Altas taxas de repetência e evasão mostram que os que conseguem entrar na escola, nela não conseguem aprender”. (1992, p. 09).

A autora aborda também as relações entre escola e linguagem tendo como ponto de partida os problemas da educação das camadas populares no Brasil, enfatizando como o ensino da língua contribui para fortalecer as desigualdades. A escola pública brasileira é insatisfatória e estimula as desigualdades sociais, tendo muitas vezes como aliada a psicologia que por sua vez legitima os possíveis déficits de aprendizagem. Para reforçar a imagem de que é democrática, a escola utiliza discursos que tentam justificar o fracasso escolar, dentre eles a autora explora três teorias que tentam explicar o fracasso escolar e que foram superadas:

A ideologia do DOM trás uma primeira explicação, e afirma que “todos tem seu lugar na escola – e a todos terá sido dado o mesmo ponto de partida”. Qual será o ponto de chegada (o sucesso ou o fracasso), isso dependerá de cada um, ou seja, essa explicação concebe a escola como capaz de oferecer as mesmas oportunidades para todos e o bom aproveitamento só depende dos alunos. (Id., Ibid., p. 10).

Uma segunda explicação seria a Ideologia da “deficiência cultural”, “Os partidários dessa explicação defendem uma ‘superioridade’ do contexto cultural das classes dominantes, em confronto com a ‘pobreza cultural’ do contexto em que vivem as classes dominadas.” (SOARES, 1992, p. 12). Os alunos apresentam desvantagens, ou “déficits”, resultantes de problemas de “deficiência cultural”, “carência cultural” ou “privação cultural”, ou seja, as desigualdades sociais é que seriam as responsáveis pelas diferenças de rendimentos dos alunos. O meio em que vivem seria pobre em estímulos sensoriais, perceptivos e sociais, sem oportunidades de contato com objetos culturais e experiências variadas, pobre em situação de interação e comunicação.

A análise do fracasso escolar dentro dessa explicação seria uma “patologia social”, em que as “doenças” do contexto cultural em que vivem essas camadas devem ser “tratadas” pela escola, cuja função seria “compensar” as deficiências do aluno, resultantes de sua “deficiência”, “carência” ou “privação” cultural. E há ainda uma terceira explicação onde se vê a ideologia das diferenças culturais.

De acordo com essa explicação, o indivíduo não aprende porque está inserido em mundo aculturado, ou seja, a cultura das classes populares é tida como inexistentes numa sociedade que legitima a cultura hegemônica. Porém, não é adequado qualificar grupos sociais como, “culturalmente deficientes”, ou “privados de cultura” ou “carentes de cultura”, pois há uma diversidade de culturas, mas todas igualmente estruturadas, coerentes, complexas. Qualquer hierarquização de culturas seria cientificamente incorreta.

A escola, como instituição a serviço da sociedade capitalista, assume e valoriza a cultura das classes dominantes; assim o aluno oriundo das classes dominadas encontra padrões culturais que não são os seus, e os mesmo lhe são apresentados como “certos”, enquanto os seus próprios padrões são, ou ignorados como inexistentes ou desprezados como errados. (Id., Ibid., p.15).

A “ideologia do dom” e a da “deficiência cultural” possui a concepção de linguagem homogenia, pois valoriza a língua oriunda do meio educacional, disseminando

assim a ideia de que os indivíduos “cultos”, ou inseridos na cultura livresca, são ouvidos, respeitados e servem como referencial para que a cultura seja aceita como “válida”..

Contudo, a escola enfrenta ainda hoje a dificuldade de ensinar a ler e a escrever, e vivencia a eterna busca por respostas, práticas e meios que possam sanar esse problema. Para a construção de uma sociedade verdadeiramente democrática faz-se necessário que a escola forme um cidadão capaz de utilizar a leitura e a escrita como ferramenta de interação social, e que os mesmos façam uso dessa habilidade no seu dia a dia, podendo assim exercer seus deveres e lutar por seus direitos.

A alfabetização em sua acepção tradicional, por si só não possui essa habilidade, pois dá ao aluno a capacidade de ler e escrever, porém o limita a isso. Surge então um termo novo que pode ser considerado uma ampliação da alfabetização, o letramento. Para falarmos de alfabetização e letramento, não podemos deixar de falar sobre a construção do conhecimento, como se dá esse processo, e para isso elencamos alguns teóricos que tratam desse tema. Piaget que situa o indivíduo dentro de um processo de construção e desconstrução para assim desenvolver seu próprio conhecimento, sendo que esse processo se dá de dentro para fora.

Em outro enfoque Vygotsky defende que o indivíduo se desenvolve a partir da interação com o meio social e a importância da linguagem dentro desse processo. Já Emilia Ferrero e Ana Teberosky acreditam que a criança passa por vários níveis de evolução, e formula por si mesma hipóteses que evoluem a partir das ações educativas até chegar a apropriação da escrita, por meio da reflexão e do recriar de modelos de escritas com as quais vai interagindo.

A alfabetização é o estágio mais importante para a aprendizagem, pois se nessa fase a criança não compreende que ela é capaz de aprender e se não receber estímulos da escola, da família, do professor e do ambiente que a cerca pode estar fadada ao fracasso nos anos que seguem.

## **VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS NO COTIDIANO ESCOLAR**

Durante a estada na escola, foram feitas observações em vários espaços. A sala de aula do 1º ano, foi o foco principal, já que pretende-se compreender quais as possíveis causas que levam alunos a fracassar com relação aos estudos. Após observações nas outras séries, como o 3º, 4º e 5º anos, foi notório que quando os alunos saem do 1º ano sem desenvolver as competências correspondentes a sua idade/série ele apresenta dificuldades de aprendizagem em relação aos conhecimentos que o aguardam nas séries posteriores. Em vivências na sala de aula do 1º ano, pode-se perceber também, que alunos oriundos da Educação Infantil e que tiveram um bom aproveitamento da proposta escolar dessa etapa, se destacam com relação aos que não frequentaram a escola na idade anterior aos seis anos.

Os dados retirados da escola campo que fez parte desta pesquisa foram coletados em uma escola pública da rede municipal de ensino de Parnaíba-PI, localizada na área urbana,

numa comunidade de baixo poder aquisitivo, de costumes e valores diversificados, tornando-se uma vez por outra, uma comunidade com auto nível de desemprego, levando em consideração que as atividades econômicas da comunidade são as mais diversas, desde o comércio, o artesanato, a lavoura e o trabalho autônomo, as famílias vivem em busca do trabalho diário para manter a renda familiar básica.

[...] é necessário que os projetos de escolas pensem edificações que possam ser modificadas ao longo dos anos, além de considerar o conforto ambiental: as condições térmicas, luminosas e acústicas que resultam em variações climáticas comprometendo o bem estar e o aproveitamento didático dos alunos que estejam nesses ambientes. (2013, p. 2)

Entendendo que o professor exerce um papel fundamental na formação do sujeito, e que a formação docente deve alicerçar a prática desse profissional, é que ressaltamos a importância da formação continuada, principalmente para aqueles que se dedicam à alfabetizar, haja vista que este, trata-se de um processo complexo, dinâmico e requer que o professor desenvolva mobilidade reflexiva acerca de sua prática. Pois: “não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal” (NÓVOA, 1997, p. 25)

Durante toda a pesquisa aplicamos questionários com as professoras, registramos conversas informais e aplicamos testes de escrita e leitura com os alunos. Nos questionários obtivemos informações quanto aos métodos já foram utilizados pelos professores durante os três anos que percorre o processo de alfabetização das crianças. Nas respostas de alguns professores, percebemos uma disparidade quanto ao método, pois ao invés de apresentar um método a professora descreveu os recursos que procura utilizar.

A professora do 2º ano, ao ser questionada quais os métodos que ela já havia utilizado, a mesma afirmou que utiliza o “Método das 7 semanas (tradicional) e Usando

palavras do dia (dentro do texto)” (Professora S.). Perguntamos também qual o método que ela utiliza atualmente e nos respondeu dizendo “contando história, leitura de pequenos textos, estudo da palavra, a escrita e o som” (Professora S.). Quando pedida para falar um pouco sobre o método utilizado ela tornou a repetir “leitura de texto, rodinha de conversa, estudo da palavra chave dentro do texto, a escrita, o som da palavra.” (Professora S.) O método de ensino desta professora está mais voltado para o sintético.

Contudo, entendemos que, esta professora que trabalha há muitos anos em classes de alfabetização, não demonstrou conhecimentos sobre os métodos de ensino que a educação utiliza para alfabetizar as crianças, ou mesmo com as capacitações que a prefeitura fornece e agora com o PNAIC. Com isso, nos questionamos se esta professora está apta a fazer com seus alunos desfrutem das habilidades de leitura e escrita.

Quando perguntamos o que ela considera importante para alfabetizar os alunos, nos respondeu: “Paciência, autoridade, vontade.” (Professora S.) Sempre enfatizando “a falta de acompanhamento da família, as salas numerosas e crianças repetentes”, como maiores dificuldades para obter a alfabetização de seus alunos. Com isso, percebemos a importância que a reflexão tem sobre a ação do docente em sala de aula. Segundo Freire:

[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. (1996, p. 43-44).

Portanto, quando o professor reflete sobre sua prática, está buscando em sua ação possibilidades de melhor desenvolver o processo de ensino aprendizagem de seus alunos, pois é nesse processo de ação-reflexão-ação que o professor pode superar juntamente com o meio em que está inserido, as dificuldades que permeiam o seu trabalho docente.

Já o professor da turma do 3º ano está em classes de alfabetização a 3 anos, quando questionado sobre o método que utiliza na alfabetização de seus alunos, este afirmou que utiliza o “Método Sintético”, perguntamos também se com este método ela tem obtidos bons resultados nas suas duas turmas de 34 alunos pela manhã e 30 no turno da tarde, esse nos respondeu dizendo que “em alguns sim, mas outros não.” Como as demais pedimos que falasse um pouco sobre este método, logo “esse método estabelece uma correspondência entre o som e a grafia, entre o oral e o escrito através do aprendizado por letra por letra ou sílaba por sílaba palavra por palavra.”(Professor F.).



# JOIN

ENQUANTO NA ESCOLA DE  
JOVENS INVESTIGADORES  
EDUCAÇÃO BRASIL

Quando este ainda foi perguntado sobre o que acredita ser importante para a alfabetização dos alunos, afirma “ser amigo, flexível, pois o que eles não tem em casa, encontra na escola. O amor”. (Professor F.). Será que este é ponto chave que falta para as crianças se tornarem alfabetizadas? Indubitavelmente, sabemos que a afetividade é importante para o processo de formação de um indivíduo, porém, necessitamos de algo mais, como práticas pedagógicas que possam promover o processo de aprendizagem, a mediação do conhecimento entre professor-aluno, dentre outros. Segundo Libâneo (2008, p. 47):

A característica mais importante da atividade profissional do professor é a mediação entre o aluno e a sociedade, entre as condições de origem do aluno e sua destinação social na sociedade, papel que cumpre provendo as condições e os meios (conhecimentos, métodos, organização do ensino) que assegurem o encontro do aluno com as matérias de estudo. Para isso, planeja, desenvolve suas aulas e avalia o processo de ensino.

Em uma das salas de 1º ano, a sala da Professora C., percebemos que as cadeiras são posicionadas em filas horizontais, as cadeiras são colocadas uma do lado da outra, bem coladas. A sala contém muitos cartazes, com pequenas histórias, referindo-se a letras, encontros consonantais e famílias silábicas; desenhos com a divisão de uma planta; etc. O alfabeto é grande e exposto acima do quadro. A professora sempre canta várias músicas antes de iniciar a aula.

Foi notório que a todo o momento os alunos permanecem sentados e a professora em pé. No momento da música e também na contação de história eles continuam em seus lugares. Junto com a professora tem uma auxiliar, pois na sala tem uma aluna especial diagnosticada com esquizofrenia. Em momentos de crise ela agride a professora e quem mais estiver por perto. Essa crise ocorre sempre que deixa de tomar sua medicação.

A turma em que a Professora C. trabalha possui 28 alunos, e cerca de 60% já sabem ler algumas palavras e escrever. Esta alfabetiza com o “método fônico e alfabético”, explicando que este método “dá ênfase ao ensino dos sons das letras, partindo das correspondências, sons-letras, mais simples para as mais complexas e depois a combiná-las.” A mesma afirma que o método utilizado está sim tendo efeito positivo.

A Professora C. sente que uma das dificuldades encontrados no 1º ano, é que as crianças chegam da Educação Infantil sem uma base, sem conseguir escrever o próprio nome, sem ao menos reconhecer algumas letras do alfabeto, bem como, sentem dificuldades quanto a sua motricidade. Logo, indagamos qual seria o papel da Educação Infantil? Seria preparar para o Ensino Fundamental. Paniagua e Palácios explicam que:

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

**www.joinbr.com.br**





# JOIN

ENCONTRO INTERNACIONAL  
JOVENS INVESTIGADORES  
EDIÇÃO BRASIL

Preparar não deve ser o objetivo fundamental, mas pode ser um dos objetivos da educação infantil, desde que se entenda que preparar não significa necessariamente treinar futuras habilidades, adiantar conteúdos, seguir um ritmo escolar, ou subordinar-se às exigências da etapa seguinte. (2007, p. 26).

Em contrapartida a outra professora do 1º ano, a Professora R., há nove anos ministra aulas nas séries iniciais e nesses anos todos os métodos utilizados nunca forneceram-lhe um resultado 100%. Informa que atualmente segue orientações do <sup>1</sup>PNAIC, esperando surti algum efeito positivo em sua prática. Esta, como alguns dos demais professores desta escola, responsabilizam a família pelo insucesso dos alunos, pois, quando questionada sobre as dificuldades que enfrenta para alfabetizar seus alunos, ela responde dizendo que, “a falta da parceria família-escola, pois as crianças vêm para a escola sem a tarefa respondida. A falta de interesse dos próprios alunos.” (Professora R.)

Ele não aprendeu nada, ficou 2 anos lá sem saber de nada, aí botei na aula de reforço, dentro de 2 meses o menino aprendeu ler e escrever. Eu achei assim, o quê que tava errado com essa professora formada pra uma pessoa que tá se formando, fazer ele ler e escrever dentro de 2 meses e a outra dentro de 2 anos não conseguiu. Aí eu acho uma diferença muito grande uma tá se formando e a outra já tá formada. (Mãe de um aluno da 3ª série)

Segundo Ferreira (2008, p. 142)

A falta de profissionais qualificados, a carência de material didático, carência na estrutura física e pedagógica, a má qualidade de ensino, tudo isso faz com que a escola seja um agente contribuinte dos problemas de aprendizagem e do fracasso escolar. Mas esse é um problema que precisa da contribuição social e também educacional.

É nesse momento que nos questionamos sobre os responsáveis pelo fracasso de nossos alunos: eles mesmos? A família? Os professores juntamente com a escola? Quem? Pois a todo o momento, vemos os problemas da educação sendo jogada de mão em mão, culpando uns aos outros, sempre na busca desenfreada pelo culpado.

No entanto, a escola tem o dever de criar meios que façam com que seus alunos aprendam e superem suas dificuldades e que se tornem seres sociais letrados, com capacidades iguais. Segundo Kauark e Silva

---

<sup>1</sup> O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa é um compromisso formal assumido pelos governos federal, do Distrito Federal, dos estados e municípios de assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do ensino fundamental. (Ministério da Educação, 2012)

A metodologia da escola deve ser adequada, envolvendo seus alunos. E no momento em que surgir algum problema com algum aluno é importante que haja uma mobilização por parte da escola, a fim de que solucionem a possível dificuldade. A escola deve esforçar-se para a aprendizagem ser significativa para o aluno. Com isso todos ganham: a escola, a família e, principalmente, a criança. (2008, p. 269)

A vivência que tivemos com os alunos e com a professora do 1º ano, nos mostrou o quanto nosso preparo para enfrentar salas de aula com crianças especiais ainda é uma coisa distante, pois, o aluno autista que frequenta essa sala de aula, em nenhum momento participa efetivamente das atividades dos demais alunos. Nesse sentido a professora já internalizou o discurso de que por conta da presença dele, ela não consegue desenvolver seu trabalho. A esse respeito: “É muito difícil avançar no sentido das escolas inclusivas se os professores em seu conjunto, e não apenas professores especialistas em educação especial, não adquirirem uma competência suficiente para ensinar todos os alunos.” (MARCHESI, 2004, p. 44)

Para a professora A. C., uma das questões principais que levam o aluno a fracassar é a falta de estímulos da família, ela acredita que o meio é o responsável por fazer com que esses alunos não manifestem interesse e nem um bom resultado na aprendizagem, bem como assegura que para a criança se desenvolver como deve no Ensino Fundamental, ela tem que trazer uma boa base da Educação Infantil.

Com relação ao processo de alfabetização, foi notório durante as observações, que as metodologias ainda perduram arraigadas a algumas práticas tradicionais, pois os professores ministram aulas expositivas, em que os alunos não participam. Em algumas turmas de 2º e 3º ano os professores simplesmente escrevem exercícios no quadro de acrílico para os alunos copiarem e após algum tempo ele mesmo responde as questões, vimos isso se repetir algumas vezes em todas as salas.

A escola possui vários espaços que quase não são utilizados, tivemos a oportunidade de observar a biblioteca e lá está exposto um rico acervo literário que de acordo com a gestora fica sempre à disposição dos professores. Tem também um farto acervo de DVDs que podem ser vistos na sala de vídeo. Essas são opções que poderiam servir de apoio para que o professor planejasse uma aula diferente mais dinâmica, mais lúdica e atrativa. Pois:

Os objetivos da educação são fixados pela sociedade e de duas maneiras pelo menos. A primeira ocorre mediante usos, costumes e tradições, regras de linguagem, estrutura econômica, diferentes formas de ação coletiva, etc. A segunda maneira consiste em a sociedade fixar, por intermédio das suas várias instituições, o tipo de educação com o a qual as gerações de jovens irão formar. Não se formam indivíduos inovadores reflexivos mediante a consolidação de respostas por meio de repetições mecânicas. (PIAGET, 1982, p.157 ).

Para Emma Ferreira e Ana Teberosky (1995) a aprendizagem da leitura e da escrita é um processo evolutivo, em que a criança formula para si regras ou normas sobre o sistema da escrita ao passo que constrói um código de sinais, quanto maior for a interação com modelos preestabelecidos aos quais ela terá acesso, maior será a influência destes na construção de seu conhecimento, pois a criança passará por um processo de imitar e recriar modelos de textos com os quais interage e a partir daí a mesma incorpora novas experiências e descobertas a seus conceitos iniciais.

A criança formulará hipóteses e a superação dessas hipóteses os levará a evoluir de nível a nível até chegar ao alfabético que lhe dará a possibilidade de dominar a leitura e a escrita. A superação desses níveis dar-se-á de maneira a fazer com que a criança enfrente contradições acerca do que pensa e percebe, essas contradições darão origem ao desequilíbrio da organização mental da criança, ou seja, são criadas dúvidas e incertezas quanto à validade de seus conceitos iniciais. Ao superar esse conflito a criança perceberá que há uma vinculação entre a escrita e a fala, percebendo que a escrita representa a fala.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No período da pesquisa, por muitas vezes, sentimo-nos frustradas diante das dicotomias detectadas no âmbito da escola com relação às teorias estudadas acerca da educação. A realidade das salas de aula é outra bem diferente. Percebemos que ainda hoje ministramos aulas baseadas na herança jesuítica. Muitas escolas tratam seus alunos como meros copistas, não os fazem atuar como atores e autores no processo de aprendizagem.

. De acordo com o discurso dos professores, o fracasso escolar é um fenômeno que ocorre por conta da ausência da família na escola, da falta de interesse do aluno em aprender, da falta de estímulos culturais, e a mais nova responsável é a Educação Infantil. Os professores alfabetizadores apontam a Educação Infantil como a principal responsável pelo fracasso dos alunos nos processos de alfabetização, pois para eles, a criança só aprende quando já vem semialfabetizada e com suas habilidades motoras, cognitivas e afetivas prontas para dá continuidade à alfabetização.

O fato é que continua a busca pelos culpados e há sempre a quem culpar, entretanto, o professor se isenta de qualquer responsabilidade quando o assunto é o insucesso dos alunos. Todavia, percebemos que há uma relevante diferença entre turmas onde o professor se mostra comprometido com sua prática, interessado nos saberes dos alunos, quando ele é incentivador do gosto pela leitura, quando ele é leitor, e quando ele está sempre buscando e pesquisando para aprimorar sua práxis

pedagógica. A sala de aula é um espaço de construção, todavia para que isso ocorra são necessários recursos que auxiliem o docente a desenvolver sua práxis de forma a atender uma turma numerosa e heterogênea que funciona com crianças que têm necessidades especiais e precisam de atendimento diferenciado e individual, nesse contexto, o discente muitas vezes se sente perdido em meio a tantas dificuldades, pois ele não está preparado para realizar de forma adequada o processo de inclusão dessas crianças, mesmo assim tem que ser resilientes e adaptar-se à novas realidades e desenvolver seu trabalho de forma satisfatória.

Foi notório no decorrer de nossa pesquisa que os alunos fracassam por uma série de fatores (relação família-escola; imposição da cultura da classe dominante que se torna hegemônica frente às demais; falta de recursos, muito embora já existam avanços nesse setor; falta de preparo do professor para alfabetizar de forma efetiva, dentre outros.) que atrelados entre si culminam no fracasso escolar. Contudo, refletindo sobre esse tema percebemos que o fracasso escolar também é algo que ultrapassa os muros da escola no sentido de que a maioria dos alunos são oriundos de comunidades pobres, e frequentar a escola para eles é ter um lugar onde poderão se alimentar, brincar, conviver com outras pessoas, uma realidade diferente da deles e o estudo em meio a isso nem sempre é prioridade. Uma vez dentro da escola, essa instituição não se mostra atrativa nem estimulante, o que acaba por desmotivar os discentes a enxergar no ensino uma forma de modificar/transformar sua realidade e ocupar um lugar digno como cidadão reconhecido dentro da sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. 12 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

ARROYO, M.G. **Fracasso-Sucesso**: o peso da cultura escolar e do ordenamento da educação básica. 4ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

CORTELLA, Mario Sergio. **A escola e o conhecimento**: fundamentos epistemológicos e políticos. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

NÓVOA, A. (org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte. Autêntica, 1998.

\_\_\_\_\_. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Atlântica, 2006.

\_\_\_\_\_. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. 9 ed. São Paulo: Ática, 1992.

\_\_\_\_\_. **Alfabetização e letramento**. 6. Ed. São Paulo: Contexto, 2012.